



por **Vicente Nunes** / vicentenunes.df@dabr.com.br

Saindo da recessão

O governo vem reforçando o discurso de que a economia brasileira retomou o processo de crescimento sustentado. Tanto Guido Mantega, ministro da Fazenda, quanto Aloizio Mercadante, ministro licenciado da Casa Civil, escalado pelo Palácio do Planalto para debater temas econômicos com a oposição, têm batido na tecla de que o pior ficou para trás. O Brasil, reforçam, saiu da recessão na qual mergulhou no primeiro semestre.

As projeções do Produto Interno Bruto (PIB) para o terceiro trimestre endossam, em parte, o que dizem os ministros. Caso as contas dos especialistas estejam corretas, a atividade cresceu próximo de 0,5% entre julho e setembro. O resultado, se confirmado, tira o país de dois trimestres consecutivos de retração. A má notícia é que o avanço do PIB não será suficiente para reverter o encolhimento nos seis primeiros meses. Pior: não evitará que o saldo final do ano seja decepcionante, muito próximo de zero — algo como 0,2%, conforme projeção de Eduardo Velho, economista-chefe da INVX Partners.

Até ontem, ainda havia, entre os analistas, a perspectiva de um terceiro trimestre um pouco melhor. Mas, após a divulgação dos chamados indicadores antecedentes de setembro, o desânimo imperou. A produção de papelão, usado para embalagem, tombou 2,2% ante agosto. O tráfego de veículos nas estradas pedagiadas recuou 1,5%. Por isso, os mais pessimistas não descartam uma nova retração do PIB entre julho e setembro, mesmo com a base de comparação sendo muito baixa.

Se as contas dos especialistas estiverem corretas, o PIB cresceu próximo de 0,5% entre julho e setembro

Avaliando todas as projeções, Velho diz que a economia brasileira está em uma espécie de vale, num nível historicamente baixo. Isso ocorreu entre o fim de 2008 e o primeiro semestre de 2009, quando o Brasil afundou, tragado pela crise mundial. Depois do tombo, porém, a recuperação foi muito rápida. Havia, naquele momento, espaço no orçamento das famílias para consumir. Ciente disso, o governo ampliou a oferta de crédito, e os consumidores responderam muito bem.

O mercado de trabalho também ajudou. A oferta de mão de obra era grande e, incentivadas pelas políticas públicas, as empresas absorveram um elevado estoque de trabalhadores, fato preponderante para movimentar a máquina da economia. Agora, contudo, o quadro é completamente diferente. As famílias estão superendividadadas, a inflação corroeu parte do poder de compra dos trabalhadores, os juros estão nos maiores níveis em quase quatro anos e já não há mão de obra disponível. Do lado do governo, esgotou-se a capacidade de injetar recursos na economia.

Por isso, ao contrário do que afirmam Mantega e Mercadante, o Brasil está longe de recuperar o crescimento sustentado. Mesmo que os próximos trimestres mostrem avanços do PIB, o ritmo da atividade estará aquém do necessário para que o país volte a saltar entre 3,5% e 4% ao ano, níveis considerados satisfatórios para corrigir as distorções que mancham o país, como o imenso fosso que separa ricos e pobres. Os programas sociais são vitais para amenizar os problemas. Mas o que realmente reduz a desigualdade é o crescimento econômico com inflação baixa, combinação saudável que não se vê por aqui há pelo menos quatro anos.